

Editor: Carlos Marcelo
pensar.d@diariosassociados.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

louçanar



UM ESTRAGO NO PARAÍSO
De Eudoro Augusto.
Edições do Sudeste, 164 páginas. Preço: R\$ 20.



DEMÔRÔ
De Paulo Kauim.
Thesaurus, 288 páginas.
Preço: R\$ 40.

FARÓIS ACELOSOS

COM TRAJETÓRIAS
E ESTILOS BEM
DIFERENTES, OS
POETAS EUDORO
AUGUSTO E PAULO
KAUIM INCORPORA
VIDA E PAISAGEM
BRASILIENSES À SUAS
MAIS RECENTES OBRAS

FERNANDO MARQUES
ESPECIAL PARA O CORREIO

Atendendo à brevidade e o pendor à brevidade são traços pelos quais se pode ligar a poesia do veterano Eudoro Augusto à do extremito em seu livro Paulo Kauim — autores, no mais, muito diferentes entre si. Radicados em Brasília e atuantes na cidade, os dois poetas publicaram livros recentemente. O trabalho de Eudoro chama-se *Um estrago no paraíso* e reúne dois conjuntos de poemas. O de Kauim leva o título de *demôrô* (em minúsculas mesmo), devido ao fato de esta ser a sua primeira coleção.

O lisboeta-carioca Eudoro Augusto, na casa dos 60 anos, originalmente ligado à geração que fez a poesia alternativa ou marginal na década de 1970, publica seu novo volume de poemas; o pernambucano Paulo Kauim, cerca de 20 anos mais moço, embora esteja longe de ser um autor inédito, divulga o primeiro livro agora. As bossas marginais de Chacal, Charles ou Chico Alvim parecem ter influído sobre os textos, em geral brevíssimos, de Kauim, nos quais surgem ainda, evidentes, os laços com a poesia concreta — praticamente ausentes da poesia reflexiva de Eudoro.

Silêncio sépia
Há sete anos, tive oportunidade de resenhar *Olhos de bandido*, oitavo livro de Eudoro Augusto. Volto à poesia do mestre comentando seu nono livro, *Um estrago no paraíso*, que contém dois grupos de poemas: "Carta selvagem", textos escritos entre 2002 e 2006, e "Clarabóia", que corresponde a trabalhos mais recentes.

Os diversos conjuntos de textos compõem projeto uno, conforme o autor adverte na abertura: trata-se de "trilogia iniciada com *Olhos de bandido*, de 2001". Os traços gerais da poesia de Eudoro, que vêm sendo depurados há 35 anos, de fato permanecem nitidos em *Um estrago no paraíso*.

Ao falar sobre o livro anterior, notei que seus textos frequentemente partem das palavras cotidianas para entortá-las, reescrivendo-as pela metáfora ou pelo atrito entre o corriqueiro e o inefável.



O LISBOETA-CARIOLA EUDORO AUGUSTO, RADICADO EM BRASÍLIA: FIDELIDADE À OBRA E VERSOS SIMULTANEAMENTE SUGESTIVOS E PRECISOS

vel. No livro agora lançado, o poeta mantém-se fiel a si mesmo, talvez aprofundando a sua maneira de exprimir a poesia, de sua maneira de exprimir a vida urbana contemporânea, presinada entre afetos, desejos e contatos a pagar.

Vale perceber ainda, em *Um estrago no paraíso*, certo processo recorrente que está

entre os traços singulares dessa poesia: a capacidade de propor cenas (algumas delas relativas a encontros entre homem e mulher), tirando-as da vida e reinventando-as. Ao narrar esses episódios, misturados à fantasia, o escritor descreve a indolência dos personagens e o contorno dos ambien-

tes de maneira simultaneamente sugestiva e precisa. Um exemplo é "Arizona", quando o bar vira salão de cinema, ou "Depois da festa", onde se lê que "o amor pode não ser profundo/ como o deserto que o inspira".

Esse processo de transformação surge também quando o personagem lírico

centra-se em si mesmo, como é o caso em "Marítimo", com os objetos descobertos pela luz da manhã, ou em "As horas", onde "Brasília adormece em silêncio sépia" e o poeta se move na direção do horizonte", composições ótimas. Alguns poucos textos, ancorados no trocadilho ou no registro instantâneo, parecem menos vitais para o prazer do livro; mesmo esses poemas guardam, contudo, a marca bem-humorada do autor.

Deve-se destacar ainda o Eudoro Augusto epigráfico, em versos que resumem o confronto entre emoção caudalosa e paisagem árida: "Brindamos mas não bebemos./ O vinho do sentimento/ não cabe no copo da realidade". *Um estrago no paraíso* fala fundamentalmente dessa paixão maior do que a cidade", sem a qual viver não faz sentido. Faz?

Linhos do buriti
Em texto com o qual se apresenta. Paulo Kauim conta que a poesia lhe chegou primeiramente pelos ouvidos — "via voz de meu pai repentina ainda na infância em Pernambuco". Outros alumbamentos, diz, foram a descoberta da poesia concreta e, depois, a leitura dos versos descarnados de João Cabral de Melo Neto.

Corrente com a preocupação visual que o interessa pelo concretismo assinala, o poeta editou livro que também procura conquistar o leitor pelos olhos, assessorado pelo bom projeto gráfico de Masanori Ohshy. O volume está dividido em oito partes dedicadas a temas ou a técnicas poéticas distintas, e traz alguns de seus melhores textos na seção onde predominam poemas concretos.

Duas observações podem ser feitas acerca de *demôrô*. A primeira delas refere-se não apenas ao livro, mas à tendência na qual ele se insere: tendênciam que remonta às vanguardas do início do século passado, projetadas até os dias atuais. Trata-se da tentativa de captar estes tempos segundo a multidão de informações que nos assaltam os sentidos, vindas dos diversos veículos, do outdoor à internet, numerosos e estreitados. Falo da estética do "tudo ao mesmo tempo agora".

Quando os achados se realizam, o poeta é capaz, sim, de oferecer belos momentos aos leitores, de sentido ora lírico, ora crítico. Instantes de poesia genuina como aquele em que se define com base na paisagem, um pouco à maneira de Cabral e nisso aproximando-se de Eudoro (que também tematiza a linda e triste Brasília): "que / mi / nha / poe / sia / te / nha / a / ec / no / mia / das / li / nha / s / do / bu / ri / ti". Ou ainda, referindo-se à felicidade virtual: "ADSL / solidão / mais / veloz".

Fechando estas notas, será interessante ressaltar que os dois autores incorporam vida e paisagem brasilienses a seus poemas. Cada um a seu modo, ambos operam o registro, natural e necessário, de aspectos da existência nesta cidade, hoje.

FERNANDO MARQUES É JORNALISTA, DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA PELA UNB. PUBLICOU *RETRATOS DE MULHER (POESIA, VARANDA)*, ZÉ E O LIVRO-DISCO ÚLTIMOS (PEÇAS TEATRAIS, PERSPECTIVA)

UM GIGANTE DISCRETO

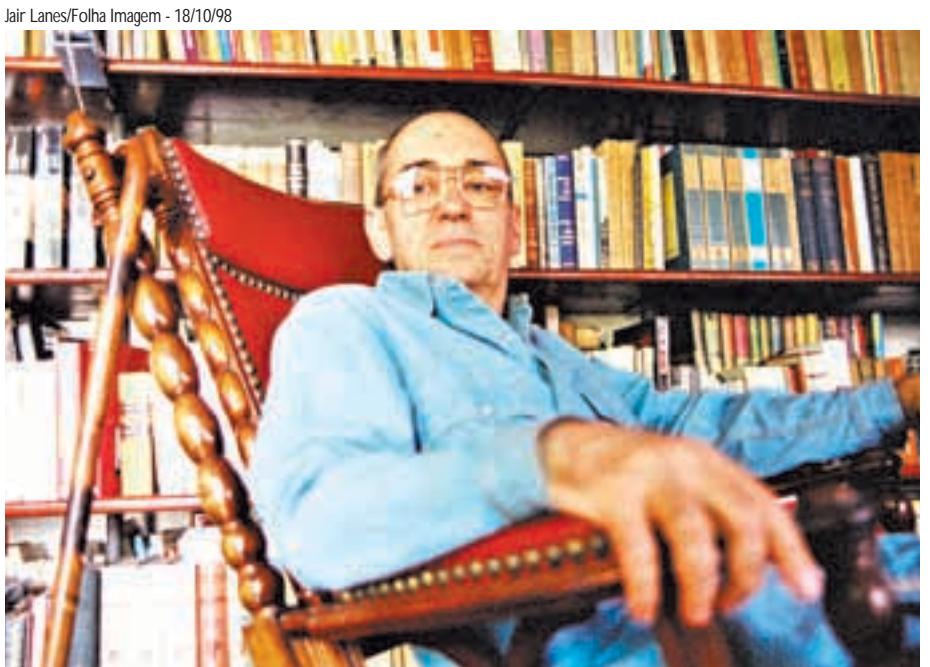
LANÇAMENTOS RESGATAM OS VERSOS E A ENSAIÓSTICA BRILHANTES DE JOSÉ PAULO PAES

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Poesia completa e *Armazém literário* chegam em boa hora às livrarias brasilienses. Com esses dois lançamentos lembramos dez anos da morte de José Paulo Paes e sentimos a falta que fazem homenagem ao letitro cultural brasileiro. Zé Paulo, como era conhecido entre amigos, durante os quase cinquenta anos de produtiva carreira como poeta e ensaísta construiu um legado impressionante de textos que refletem

bem a sua capacidade criadora impar e são um excelente retrato do tipo de intelectual que parece cada vez mais raro no país.

Amarca da vida intelectual de Zé Paulo é a sua autonomia em relação a ambientes institucionalizados da cultura. Dessa forma, conseguiu elaborar crítica literária de cunho jornalístico ou sem lugar comum: escreveu ensaios como poucos, escapando do engessamento e dos preconceitos do academicismo; traduziu poetas de várias línguas como um poeta-leitor-comum e não como poeta-especialista-tradutor; fez poemas que resgatam o melhor



JOSÉ PAULO PAES: INTELECTUAL RARO NO PAÍS, SOUDE EQUILIBRAR A IRONIA E A INSPIRAÇÃO

Dúvida (último poema de José Paulo Paes – 08/10/1998)

Não há nada mais triste
do que um cão em guarda
ao cadáver do seu dono.

Eu não tenho cão.
Será que estou vivo?

Recado tardio

a praça? nunca foi do povo
nem com jeito
nem com dor
(que candor condor!)

quanto ao céu
(césar e de(u)s
devagar co' ardor
e co'andor condor!

como sobreviver/ à vida de cada dia?'. Ou então como no doce e crítico meta-poeta A um colega de ofício: "Você não gosta que eu escrevo/ eu até gosto do que

você escreve// talvez eu não seja tão exigeante quanto você."

Nos ensaios de Zé Paulo, o despojamento poético e a liberdade da linguagem de sua poesia tornam-se clareza de conceitos e exercício incansável de transmissão das mais complexas visões numa escrita clara e vigorosa. É essa prosa retesada e didática (mas no contrapé do didatismo) que vemos nos ensaios recolhidos em *Armazém literário* por Vilma Arêas. A ideia do volume é fazer um mapeamento dos temas mais constantes da ensaística de Paes, utilizando para isso textos brilhantes. Vemos em *Armazém literário* ensaios que abordam a narrativa brasileira consagrada, as questões relativas à tradição e à poesia nacional e, também, dentro dos limites muitos fluidos do gênero, o depoimento pessoal com valor de interpretação de toda uma cultura. Todavia diversos textos do livro temam a marca muito pessoal da excelente contribuição de Zé Paulo à nossa crítica literária, dois momentos de *Armazém literário* são especialmente irrecusáveis. Ambos estão ligados ao que ele fez de melhor: poesia e tradução.

O primeiro deles é *Sobre um poema não canônico de Kavâfis*. Nele Paes interpreta o poema "Krymena (Coisas ocultas)", explicando suas escolhas para a tradução do texto. É um excelente exemplo de que, quando bem realizada, a crítica estabelece balizas inconfundíveis para a leitura do texto e da obra de um poeta. Com esse pequeno ensaio, temos a impressão de que Konstantinos Kavâfis lido por Paes funciona mais como poeta do que da forma como a academia grega o institucionalizou. Outro momento

importantíssimo de *Armazém literário* é o texto "A tradução literária no Brasil", levantamento da história da prática da tradução em nossa literatura, que leva o leitor atento a verificar a forma especial de nos relacionarmos com as influências cosmopolitas.

Em um texto que abria uma de suas coleções de ensaios, Zé Paulo disse: "Evidentemente, é entre a recusa e o entusiasmo que corre a estrada da compreensão crítica". Esse caminho de limiar tensamente equilibrado é a marca da escritura de Zé Paulo, avesso a ênfases, fama e empolgação. Um autor com quem tem muito a aprender parte de nossa atual crítica entusiasmadamente festiva com produtos culturais que deveriam ser lidos pelo prisma da recusa. Mas nada representa melhor o esotérico Zé Paulo que suas próprias palavras: "Para quem sempre pediu tão pouco/ o nada é positivamente um exagero".

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA PELA UNB E POETA, AUTOR DE *PRAFORA* (7 LETRAS, 2007).

POESIA COMPLETA

De José Paulo Paes.
512 páginas, R\$ 47,20.

ARMAZÉM LITERÁRIO

De José Paulo Paes.
312 páginas, R\$ 47.

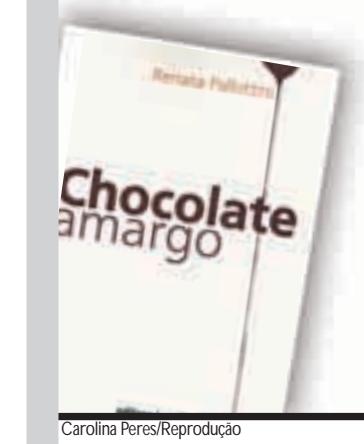
Lançamentos Companhia das Letras.

Revisor: R. Dutra/Reprodução

A COLUNA L2 VOLTA NO DIA 7 DE FEVEREIRO

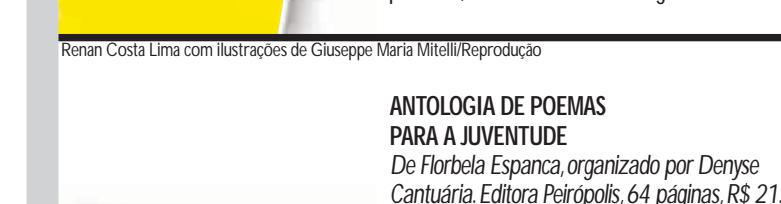
CHOCOLATE AMARGO
De Renata Pallottini. Editora Brasiliense, 112 páginas, R\$ 35.

Renata Pallottini ficou mais conhecida por suas peças e traduções do que sua poesia. Mas é com a poesia que Renata venceu o prêmio Jabuti de 1997. Reflexões existenciais e postura crítica pontuam os mais de 500 versos de *Chocolate amargo*. A autora confessa ter escrito as poesias com intenção de falar sobre as dificuldades do mundo moderno e enumera os de solidariedade, a crise de valores e a decadência moral como inquietações constantes.



ICTEROFACIA
Dirceu Villa. Editora Hedra, 200 páginas, R\$ 30.

Poeta paulistano, Dirceu Villa já fez programa de rádio, adaptação de Stéphane Mallarmé para quadrinhos, prefácios e traduções. *Icterofacia* é seu terceiro livro de poesia. Escrito ao longo dos últimos seis anos, os versos de Villa passeiam pela diversidade de temas e experiências de linguagem. Em *Icterofacia* é possível encontrar o mundo contemporâneo em versos dedicados ao Iraque, alucinações em poemas para Lucifer ou Proteus, paisagens, pessoas, críticas e até metalinguística.



ANTOLOGIA DE POEMAS
PARA A JUVENTUDE
De Florbla Espanca, organizado por Denyse Cantúaria. Editora Peperiol, 64 páginas, R\$ 21.

Florbla Espanca é uma das vozes líricas femininas mais importantes de Portugal na primeira metade do século 20. Publicou cinco livros, fez curso superior de idiomas e casou-se três vezes num época em que as mulheres eram reservadas apenas ao ambiente doméstico. A reunião de poemas revela toda a melancolia presente na obra de Espanca, que desafia a infância, quando escreveu o primeiro poema, revelou-se especialmente inclinada a tratar melancolicamente as questões existenciais.



DOIS EM UM
De Alice Ruiz. Iluminuras, 208 páginas, R\$ 35.

O pequeno volume reúne todos os versos publicados pela poetisa paranaense na década de 1980, tempos de poetas marginais e de versos inspirados na poesia concreta. A síntese desta última e a espontaneidade dos marginais aparecem nestes versos de Alice Ruiz, ora engajados, ora organizados de tal forma que sugerem uma visualidade geométrica.



DESCANTADO CARROSEL
De Diego Grandi. Não Editora, 64 páginas, R\$ 19.

Descantado carrozel é a estreia da editora gaúcha na poesia e do poeta nascido em Porto Alegre. Os versos livres ganham texto de apresentação do escritor Charles Kieler na obra do livro. Grandi foi aluno de Kieler em mestrado de escrita criativa pela PUC do Rio Grande do Sul. O cotidiano contemporâneo é tema recorrente nas poesias do gaúcho, que fala de fim de mundo, memórias, tempo e amores.



ÁLVARO ALVES DE FARIA
De Álvaro Alves de Faria, organizado por Carlos Felipe Moisés. Global Editora, 272 páginas, R\$ 39.

Reunidos para a coleção Melhores poemas, os versos do poeta paulistano são precedidos de uma introdução assinada pelo também poeta Carlos Felipe Moisés, que descreve a obra do colega como um testemunho incansável de uma experiência de vida. Não que a poesia de Faria seja confessional ou forneca material para se trazar a biografia do autor, mas é, segundo o organizador, indicativa da experiência de desejos e ideias.



ANTOLOGIA DE CONTOS DA UBE
Organizado por Fabio Lucas, Jeanine Rozas e Leiv Bucalem Ferrari. Global Editora, 136 páginas, R\$ 29.

A coleção organizada para comemorar os 50 anos da União Brasileira de Escritores (UBE) apresenta textos de 20 autores, todos associados à instituição. Não há unidade de tema ou estilo no conjunto, nem mesmo a exigência de imeditismo. A opção gera irregularidades, mas proporciona boas surpresas, como a série de minicontos de Carlos Sebra e o bizarro O dedo, de Lydia Fagundes Telles, publicado pela primeira vez em 1978.

